> Verbete “Teoria Literária”, por Vince Brewton

> Entry “Literary Theory”, by Vince Brewton

Traduzido por Hélio Parente de Vasconcelos Neto
Doutorando em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (PPG-PGET), pesquisador-bolsista CAPES-PROEX. E-mail: hpn.helio@gmail.com. Orcid: 0000-0001-8586-4892.

Apresentação

O verbete aqui apresentado e traduzido para a língua portuguesa brasileira foi originalmente escrito por Vince Brewton, professor da University of North Alabama, e publicado na *Internet Encyclopedia of Philosophy*[1]. O objetivo do texto é ofertar uma apresentação geral, em dez capítulos, do que constitui e constituiu a teoria literária, suas principais linhas teóricas e pesquisadores. Neste verbete, Brewton assinala a importância do contexto histórico, dos elementos linguísticos e dos aspectos inconscientes para a interpretação textual e para a formação de diferentes escolas de teoria literária. A exploração do que define a teoria literária também é o tema do primeiro capítulo do artigo.

No segundo capítulo, somos apresentados ao tema da crítica literária tradicional. Nesta prática anterior à Nova Crítica estadunidense, a práxis dos teóricos literários se concentrava na delimitação do cânone da literatura e no rastreio das influências textuais, bem como em esclarecer o contexto histórico que permeava as obras. Neste período, como argumenta Brewton, não há o questionamento do que é a literatura ou do porquê de a lermos.

O capítulo três discorre sobre o Formalismo e a Nova Crítica. Em relação ao Formalismo, Brewton argumenta que sua abordagem era focada na forma literária e nos dispositivos textuais nela presente. Através destes objetos, o Formalismo buscava analisar, cientificamente, os padrões, as técnicas e as funções da literatura. As figuras-chave deste período apresentadas por Brewton são Roman Jakobson e Viktor Shklovsky. Já a Nova Crítica foi um movimento surgido nos Estados Unidos nas décadas de 1930 e 1940. Seu objetivo era a quebra com os métodos tradicionais de análise literária. Assim, os novos críticos viam o texto como objeto estético independente de seu contexto histórico e buscavam trazer um maior rigor intelectual aos estudos literários. Como exposto por Brewton, algumas das figuras mais influentes neste período são Cleanth Brooks, John Crow Ransom, Robert Penn Warren e W. K. Wimsatt.

No quarto capítulo, Brewton discorre sobre a relação entre a teoria marxista e a crítica teórica. O pesquisador argumenta que a teoria literária marxista é focada na representação do conflito de classes no meio literário. Sua preocupação central são os significados políticos e sociais da literatura. Brewton

[1] A publicação original está disponível em: https://iep.utm.edu/literary/#H1. Acesso em 18 jun. 24.

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

cita autores influentes desta linha teórica, tais como György Lukács, Raymond Williams, Terry Eagleton, Frank Lentricchia e Frederic Jameson.

Na seção seguinte, o pesquisador apresenta ao leitor as perspectivas literárias estruturalista e pós-estruturalista. O Estruturalismo visou a trazer rigor científico e critérios objetivos à análise literária, assim como a Nova Crítica e o Formalismo. Segundo Brewton, o Estruturalismo enfatizava a natureza arbitrária da língua e as estruturas subjacentes de significação que geram o significado. Figuras importantes desta corrente teórica são Levi-Strauss, Tzvetan Todorov, A. J. Greimas, Gérard Genette e Roland Barthes. O Pós-Estruturalismo, no qual, como figuras influentes, temos os teóricos Roland Barthes e Jacques Derrida, rejeita a ideia da língua como sistema estável de significados. Assim, esta corrente enfatiza o adiamento do significado, e conceitos-chave desta escola de pensamento incluem os conceitos de desconstrução e da morte do autor.

Ao lermos o capítulo seis, somos apresentados ao Novo Historicismo, corrente teórica estadunidense, e ao Materialismo Cultural, corrente teórica britânica. Ambas as abordagens rejeitam teorias literárias anteriores, como a Nova Crítica e o Estruturalismo. O Novo Historicismo enxerga o texto como simultaneamente literário e não-literário, como produtos que moldam e refletem a dinâmica do poder social presente em uma cultura. Os estudos de Levi-Strauss, Michel Foucault, Antonio Gramsci e Louis Montrose foram influentes para estas correntes teóricas, como afirma Brewton.

O capítulo sete analisa as principais características dos Estudos Étnicos e da Crítica Pós-Colonial. Segundo o pesquisador, apesar de ambas compartilharem uma relação história, na medida em que as correntes teóricas têm como foco as identidades histórica e sistematicamente oprimidas pelo imperialismo e pela colonização, elas diferem entre si em suas origens e abordagens. Os Estudos Étnicos, por exemplo, se utilizam do conceito da "consciência dupla", introduzido por W. E. B. Dubois, para explorar a percepção da identidade de indivíduos marginalizados pelo imperialismo, especialmente no que condiz à população negra estadunidense e sua inserção forçada em uma cultural branca dominante. Teóricos de destaque nos Estudos Étnicos incluem Aime Cesaire, Frantz Fanon, Chinua Achebe, Henry Louis Gates, Toni Morrison e Kwame Anthony Appiah. Já a "Crítica Pós-Colonial" foi influenciada por teóricos como Edward Said, Homi K. Bhabha e Gayatri C. Spivak e tem foco o estudo da condição história do pós-colonialismo, especialmente em populações consideradas não-ocidentais pela cultura dominante. O argumento basal desta

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

corrente é que a construção do conceito do "Oriente" foi fundamental para a justificativa da dominação cultural. Além disso, a teoria pós-colonial critica ideologias coloniais e busca inverter as dinâmicas de centro e margem no discurso cultural.

No capítulo oito, somos introduzidos aos Estudos de Gêneros e à Teoria *Queer*. Brewton apresenta os Estudos de Gêneros como movimento originário do feminismo político da década de 1960, cujo escopo abarca todos as identidades de gênero. Inicialmente, a teoria de gênero feminista lidava com os direitos das mulheres e sua representação na cultura, sendo esta marcada pela dominação masculina. Atualmente, esta teoria evoluiu dentro de uma estrutura pós-moderna que questiona os paradigmas ocidentais e intervém em estruturas sociais. Brewton apresenta as seguintes figuras influentes deste movimento: Judith Butler, Simone de Beauvoir, Luce Irigaray, Helene Cixous e Julia Kristeva. Em relação à Teoria *Queer*, o pesquisador afirma que esta é distinta da teoria de gêneros, apesar de ter intersecções com ela. Este movimento teórico questiona as definições normativas de sexualidade e identidade de gênero, explorando como as normas em relação à sexualidade escondem a diversidade das relações e experiências sexuais e criticando as práticas excludentes das narrativas histórico-sociais ocidentais.

No penúltimo capítulo, Brewton discorre sobre os Estudos Culturais, movimento surgido nos anos 1980 e que conta com a interdisciplinaridade como característica basal. Os Estudos Culturais abarcam os estudos midiáticos, a crítica social, a antropologia e a teoria literária para analisar a cultura global de indústrias como a de entretenimento, propaganda e mídia digital. Figuras importantes deste movimento incluem Stuart Hall, Meaghan Morris, Tony Bennett e Simon During.

No último capítulo, o pesquisador apresenta as referências bibliográficas utilizadas e a uma lista de leituras futuras com as quais o leitor pode aprofundar seus conhecimentos sobre a teoria literária.

Assim como seu próprio objeto de estudo – a literatura –, a teoria literária é um campo vasto e de difícil compreensão panorâmica. Como argumenta Compagnon (2010), o estudo da teoria é instigante pelo "combate feroz e vivificante que empreende contra as ideias preconcebidas dos estudos literários, e pela resistência igualmente determinada que as ideias preconcebidas lhe

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

opõem”[2]. O artigo de Brewton visa a apresentar uma visão geral das principais correntes teóricas dos estudos sobre a literatura, cujas influências, desenvolvimentos e aplicações podem ser vistas até o dia de hoje. Assim, a compreensão destas “ideias preconcebidas” e sua relação de embate com novas perspectivas ao longo das décadas de formação das diferentes correntes de teoria literária marcam a importância deste panorama teórico geral. Desta maneira, o artigo capacita o leitor com os fundamentos básicos de correntes teóricas influentes, possibilitando a busca pelas fontes primárias e a compreensão geral da questão após a leitura do verbete.

No que concerne à tradução deste verbete, as maiores alterações linguísticas deram-se na inclusão de notas de tradução e da seção “Bibliografia Traduzida”. As notas de tradução foram assim delimitadas para distinguir o discurso da figura do tradutor e o discurso do autor. Seus usos ocorreram, principalmente, através da inclusão de referências bibliográficas cujas traduções estivessem presentes em território nacional. Ao longo do texto, Brewton utiliza-se de referências teóricas citando-as de maneira indireta. Estas foram mantidas nas edições apresentadas na bibliografia do artigo em língua inglesa. As obras de referência literária e teórica que apresentam tradução ao português brasileiro foram incluídas na seção “Bibliografia Traduzida”. Esta divisão ocorre pelo fato de que o autor, Vince Brewton, se utilizou de edições estrangeiras para a argumentação de seu material científico, ou seja, a inclusão de edições brasileiras em suas citações poderia acarretar incongruências.

Por fim, agradeço a Vince Brewton e a James Fieser, na figura de editor-chefe da *Internet Encyclopedia of Philosophy*, pela recepção positiva da tradução e pela disponibilização dos direitos autorais para esta publicação.

[2] Antoine Compagnon, *O demônio da teoria*: literatura e senso comum, 2010, p. 15-16.

Teoria Literária

"Teoria literária" constitui o corpo de ideias e métodos utilizados na leitura prática da literatura. Por teoria literária nos referimos não ao significado de uma obra literária, mas às teorias que revelam o que a literatura pode significar. A teoria literária é a descrição de princípios subjacentes, ou ferramentas, pelas quais tentamos compreender a literatura. Toda interpretação literária se baseia em uma teoria, mas pode servir como justificativa para diferentes formas de atividades críticas. É a teoria literária que formula a relação entre o autor e o trabalho; a teoria literária desenvolve a importância da etnia, da classe e do gênero para o estudo literário, tanto de um ponto de vista biográfico, em relação ao autor, como da análise de sua presença temática dentro dos textos. A teoria literária oferece abordagens variadas para a compreensão do papel do contexto histórico na interpretação do texto assim como na relevância de seus elementos linguísticos e inconscientes. Teóricos da literatura traçam a história e a evolução de diferentes gêneros, como o gênero narrativo, dramático, lírico, dentre outros, junto daqueles recém-emergidos como o romance e o conto. Durante este processo, os teóricos também investigam a importância de elementos formais na estrutura literária. Por último, a teoria literária, em anos recentes, tem procurado explicar até que ponto o texto é mais um produto de uma cultura do que de um autor em individual e de como estes textos, por sua vez, ajudam a criar esta cultura.

Sumário

1. O que é a teoria literária
2. Crítica literária tradicional
3. Formalismo e a Nova Crítica
4. Marxismo e a teoria crítica
5. Estruturalismo e Pós-estruturalismo
6. Novo Historicismo e Materialismo Cultural
7. Estudos Étnicos e Estudos Pós-Coloniais
8. Estudos de Gênero e Teoria *Queer*

9. Estudos Culturais

10. Referências e leituras futuras

    a. Obras sobre a teoria em geral

    b. Teoria literária e cultura

    c. Bibliografia Traduzida

1. O que é a Teoria Literária

A "Teoria Literária", às vezes designada como "teoria crítica" ou "teoria", e atualmente em processo de transformação em "teoria cultural" dentro da disciplina dos estudos literários, pode ser compreendida como um conjunto de conceitos e suposições intelectuais no qual jaz o trabalho de explicar ou interpretar textos literários. A teoria literária refere-se a quaisquer princípios derivados da análise interna de textos literários ou do conhecimento externo ao texto que pode ser aplicado em múltiplas situações interpretativas. Toda prática crítica, em relação à literatura, depende de uma estrutura de ideias subjacentes de, pelo menos, duas formas: a teoria oferta fundamento para o que constitui o objeto da crítica, neste caso o "literário", e os objetivos específicos da prática crítica, ou seja, a arte da interpretação em si. Por exemplo, falar sobre a "união" em *Édipo Rei*[3] envolve, explicitamente, a invocação das afirmações teóricas de Aristóteles sobre a poética. Argumentar, como faz Chinua Achebe, que o *Coração das Trevas*[4], de Joseph Conrad, falha em conceder humanidade completa aos africanos que o livro retrata é uma perspectiva informada por uma teoria literária pós-colonial que pressupõe a história da exploração e do racismo. Críticas que explicam o afogamento dramático de Edna Pontellier em *O Despertar*[5] como um suicídio, geralmente, valem-se da arquitetura de suporte da teoria feminista e da teoria *queer*. No entanto, críticos literários podem ou não reconhecer a estrutura de ideias que permite a análise de uma obra literária. Ademais, o *status* da teoria

[3] Nota de tradução (doravante [N. T.]): Sófocles. *Édipo Rei*. Tradução de José Antonio Alves Torrano. Cotia: Ateliê Editorial, 2022.
[4] [N.T.]: Joseph Conrad. *Coração das Trevas*. Tradução de José Rubens Siqueira. Rio de Janeiro: Antofágica, 2019.
[5] [N.T.]: Kate Chopin. *O Despertar e Contos Selecionados*. Tradução de Débora Isidoro. Jandira: Ciranda Cultural, 2023.

literária dentro da disciplina acadêmica dos estudos literários ainda está em evolução.

A teoria literária e a prática formal da interpretação literária percorrem um caminho paralelo, mas desconhecido, dentro da história da filosofia, e isto é evidente em registros históricos tão antigos quando Platão. *The Cratylus* contém reflexões de Platão[6] sobre a relação das palavras e aquilo ao que se referem. O ceticismo de Platão sobre a significação, ou seja, de que as palavras não detêm qualquer relação etimológica com seus significados, mas são arbitrariamente "impostas", torna-se um problema central no século 20, tanto para o Estruturalismo quanto para o Pós-estruturalismo. No entanto, uma crença persistente na "referência", a noção de que as palavras e imagens se referem a uma realidade objetiva, tem provido um suporte epistemológico (isto é, aquilo que se refere a teorias do conhecimento) para teorias da representação literária pela maior parte da história ocidental. Até o século 19, arte, como nos diz Shakespeare, "apresenta[va] o espelho à natureza" e registrou, fielmente, um mundo real objetivamente independente de seu observador.

A teoria literária moderno emerge, gradualmente, na Europa durante o século 19. Em um dos primeiros desenvolvimentos da teoria literária, a "alta crítica" alemã sujeitou textos bíblicos a uma historicização radical que quebrou a interpretação tradicional da escritura. "Alta", ou "crítica da fonte", analisava os contos bíblicos sob a luz de narrativas comparáveis de outras culturas, uma abordagem que antecipou alguns dos métodos e o espírito da teoria do século 20, especialmente no que se refere ao Estruturalismo e ao Novo Historicismo. Na França, o eminente crítico literário Charles Augustin Saint Beuve argumentava que uma obra literária poderia ser explicada inteiramente através de aspectos biográficos, enquanto o romancista Marcel Proust dedicou sua vida a refutar Saint Beuve através de uma gigantesca narrativa na qual Proust argumentava que os detalhes da vida do artista são completamente transformados na obra de arte (esta disputa voltou à tona com o teórico francês Roland Barthes em sua famosa declaração da "Morte do Autor". Ver Estruturalismo e Pós-Estruturalismo). Talvez, a maior influência na teoria literária do século 19 veio de uma profunda suspeita epistemológica de Friedrich Nietzsche[7]: fatos não são fatos, até que sejam interpretados. A crítica de Nietzsche à sabedoria teve um impacto profundo

[6] Platão. *The Collected Dialogues*. Edição de Edith Hamilton e Huntington Cairns. Princeton: Princeton University Press, 1961.
[7] Friedrich Nietzsche. *The Genealogy of Morals*. Tradução de Walter Kaufmann. Nova Iorque: Vintage, 1969.

nos estudos literários e ajudou a fundar uma era de intensa produção teórica sobre a literatura que ainda não encontrou seu fim.

É importante salientar que a etimologia do termo "teoria", do grego "*theoria*", nos alerta para a natureza parcial das abordagens teóricas para com a literatura. "*Theoria*" indica uma visão ou perspectiva do palco grego. Isto é, precisamente, o que a teoria literária oferece, embora algumas teorias em específico costumam afirmar que são capazes de apresentar um sistema completo para compreender a literatura. O estado atual da teoria é tal que há muitas áreas de influência, e escolas teóricas mais antigas que se cruzam entre si, e, embora já não gozem de seu alto status de outrora, continuam a exercer uma influência no todo. A antiga e amplamente difundida convicção (uma teoria implícita) de que a literatura é um repositório de tudo o que é significativo e enobrecedor da experiência humana, visão esta defendida pela Escola de Leavis na Grã-Bretanha, pode não ser mais reconhecida pelo nome, mas continua sendo uma justificativa essencial para a atual estrutura das universidades estadunidenses e pelos currículos de artes liberais. O momento de "Desconstrução" pode ter passado, mas sua ênfase da indeterminação dos signos (de que nós somos incapazes de estabelecer, de maneira exclusiva, o que uma palavra significa quando usada em uma dada situação) e, assim, dos textos, permanece influente. Muitos críticos podem não abraçar o rótulo de "feminista", mas a premissa de que o gênero é um construto social, um discernimento distinto do feminismo teórico, é agora um axioma em várias perspectivas teóricas.

Embora a teoria literária sempre implicasse ou expressasse diretamente a concepção de um mundo fora do texto, três movimentos do século 20, a Teoria Marxista, da Escola de Frankfurt, o Feminismo e o Pós-modernismo, expandiram o campo dos estudos literários em uma área de questionamentos mais ampla. A abordagem Marxista para com a literatura requer uma compreensão das economias primárias e das bases sociais da cultura, já que a teoria Marxista enxerga a obra de arte como um produto, direto ou indireto, da base estrutural da sociedade. A prática e o pensamento Feminista analisam a produção da literatura e a representação literária dentro da estrutura que inclui todas as formações sociais e culturais que se relacionam com o papel da mulher na história. O pensamento Pós-moderno consiste em linhas tanto estéticas quanto epistemológicas. O Pós-modernismo na arte incluiu um movimento em direção a formas não-referenciais, não-lineares e abstratas, um grau acentuado de autorreferencia e um colapso das categorias e convenções que tinham, tradicionalmente, governado a arte. O pensamento Pós-moderno levou a

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

questionamentos sérios das chamadas metanarrativas na história, na ciência, na filosofia e na reprodução econômica e sexual. Sob a pós-modernidade, todo o conhecimento é visto como "construído" dentro de sistemas históricos de compreensão contidos dentro de si. Os pensamentos Marxista, Feminista e Pós-moderno trouxeram à tona a incorporação de todos os discursos humanos (isto é, interligando campos linguísticos e de conhecimentos) como um objeto de análise de um teórico literário. Usando as variadas teorias pós-estruturalistas e pós-modernistas, que comumente bebem de disciplinas além das literárias, como as disciplinas linguísticas, antropológicas, psicanalíticas e filosóficas, para seu próprio campo, a teoria literária tornou-se um corpo interdisciplinar da teoria cultural. Tomando como sua premissa o fato de que as sociedades e o conhecimento humano consistem em textos, de uma forma ou de outra, a teoria cultural (para o bem ou para o mal) é aplicada a uma variedade de textos, ambiciosamente empenhada em transformar no modelo preeminente de questionamento da condição humana.

A teoria literária é um conjunto de teorias: algumas teorias, como a Teoria *Queer*, estão "dentro", enquanto outras teorias literárias, como a "Desconstrução", estão "fora", mas continuam a exercer uma influência no campo. A Crítica literária tradicional, a Nova Crítica e o Estruturalismo são similares no sentido de que se prendem à visão de que o estudo da literatura tem um corpo de sabedoria objetivo sob seu escrutínio. As outras escolas de teorias literárias, com graus diversos, abraçam uma visão pós-modernista da língua e da realidade, que põe em questionamento o referencial objetivo dos estudos literários. As categorias subsequentes não são, certamente, exaustivas, tampouco são mutuamente exclusivas, mas representam as maiores tendências na teoria literária deste século.

2. Crítica Literária Tradicional

A crítica literária acadêmica nos Estados Unidos, antes do surgimento da Nova Crítica, tendia a praticar a história literária tradicional, ou seja, o rastreio das influências, o estabelecimento dos autores canônicos de cada período literário e o esclarecimento do contexto histórico e das alusões dentro do texto. A biografia literária foi e ainda é um método interpretativo importante, dentro e fora do ambiente acadêmico. Certas versões da crítica moral, similarmente à Escola de Leavis na Grã-Bretanha e à crítica estética (ex: estudos de gênero), também

foram, de maneira geral, práticas literárias influentes. Talvez o elemento que unifique a crítica literária tradicional seja o consenso dentro da academia sobre o cânone literário (isto é, os livros que toda pessoa instruída deve ler) e os objetivos e propósitos da literatura. O que a literatura é, o porquê de lermos literatura e o que lemos são aspectos que os movimentos de teoria literária subsequentes abordariam.

3. Formalismo e a Nova Crítica

Formalismo é, como o nome implica, uma abordagem interpretativa que enfatiza a forma literária e o estudo de dispositivos literários dentro do texto. O trabalho dos formalistas teve um impacto geral nos desenvolvimentos posteriores do movimento do Estruturalismo e de outras teorias narrativas. O Formalismo, tal qual o Estruturalismo, buscou fixar o estudo da literatura em uma base científica através da análise objetiva de temas, dispositivos, técnicas e outras "funções" que compõem a obra literária. Os formalistas davam muita importância à literariedade dos textos, ou seja, às qualidades que distinguiam um texto literário de outras formas de escrita. Nem o autor, nem o contexto eram essenciais para os formalistas; era a narrativa que falava, era a "função-herói", por exemplo, que tinha significado. A forma era o conteúdo. Um dispositivo de enredo ou uma estratégia narrativa era examinado para se descobrir como funcionava e para comparar seu funcionamento em outras obras literárias. Dos críticos formalistas russos, Roman Jakobson e Viktor Shklovsky são, provavelmente, os mais conhecidos.

O aforismo formalista de que o objetivo da literatura era "tornar as pedras mais duras" expressa muito bem a sua noção de literariedade. No Formalismo, o conceito mais conhecido é, talvez, a noção de "desfamiliarização" de Shklovsky. A rotina da experiência ordinária, argumentou Shklovsky, tornava invisível a singularidade e a particularidade dos objetos existentes. A linguagem literária, em parte por chamar a atenção para si mesma como linguagem, distanciava o leitor do familiar e tornava nova a experiencia da vida cotidiana.

A Nova Crítica, assim designada para indicar uma quebra com os métodos tradicionais, foi um produto das universidades estadunidenses nos anos 1930 e 1940. Nova Crítica enfatizava a leitura próxima ao texto em si, similarmente ao preceito pedagógico francês "explication du texte". Como estratégia de leitura, a Nova Crítica enxergava a obra literária como um objeto estético independente do contexto histórico e como um todo unificado que refletia a sensibilidade do artista

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

em sua totalidade. T. S. Eliot, embora não fosse explicitamente associado ao movimento, expressou uma filosofia crítico-estética similar em seus ensaios sobre John Donne e sobre os poetas metafísicos, escritores que Eliot acreditava terem experienciado uma integração do pensamento e sentimento. Novos Críticos como Cleanth Brooks, John Crowe Ransom, Robert Penn Warren e W. K. Wimsatt valeram-se de um foco similar nos poetas metafísicos e na poesia em geral, um gênero bastante adequado para a prática da Nova Crítica. A Nova Crítica visava a levar um maior rigor intelectual à prática literária, submetendo a si mesma a um escrutínio apenas do texto e das estruturas formais do paradoxo, da ambiguidade, da ironia, da metáfora, dentre outros. A Nova Crítica foi içada pela convicção de que sua leitura da poesia poderia produzir uma influência humanizada nos leitores e, assim, contrariar a tendência alienadora da vida industrial moderna. Neste sentido, a Nova Crítica tem uma afinidade com o movimento Agrário Sulista cujo manifesto "*I'll Take My Stand*" continha ensaios de dois Novos Críticos, Rasom e Warren. Quiçá o legado vigente da Nova Crítica possa ser encontrado na sala de aula universitária, no qual a textura verbal do poema na página permanece como um objetivo primário do estudo literário.

4. Marxismo e a Teoria Crítica

As teorias literárias marxistas tendem a concentrar-se na representação do conflito entre classes, assim como no reforço das distinções de classe através do meio literário. Teorias marxistas utilizam técnicas tradicionais de análise literária, mas a estética está subordinada aos significados de cunho político e social da literatura. Teóricos marxistas costumam defender autores simpatizantes com as classes trabalhadoras e com autores cujas obras desafiam igualdades econômicas presentes nas sociedades capitalistas. Mantendo-se de acordo com o espírito generalizador do marxismo, as teorias literárias que surgem do paradigma marxista procuraram novas maneiras de compreender não apenas a relação entre a produção econômica e a literatura, mas também toda produção cultural. Análises marxistas da sociedade e da história tiveram um efeito profundo na teoria literária e na crítica prática, principalmente no desenvolvimento do Novo Historicismo e no Materialismo Cultural.

O teórico húngaro Georg Lukacs, ou György Lukács, contribuiu para uma compreensão da relação entre o materialismo histórico e a forma literária, em

particular no que concerne ao realismo e ao romance histórico[8]. Walter Benjamin foi um pioneiro neste campo através de seu estudo sobre a estética e a reprodução de uma obra de arte[9]. A Escola de Frankfurt de filósofos, incluindo, notavelmente, Max Horkheimer, Theodor Adorno e Hebert Marcuse, depois de emigrarem para os Estados Unidos, desempenhou um papel essencial na introdução de avaliações marxistas sobre a cultura no cotidiano da vida acadêmica estadunidense. Estes pensadores foram associados ao que é conhecido como Teoria crítica, da qual um dos componentes era a crítica do uso instrumental do raciocínio na cultura capitalista tardia. A Teoria crítica fazia uma distinção entre o patrimônio cultural elevado da Europa e a cultura de massas produzida pelas sociedades capitalistas como instrumento de dominação. A Teoria crítica enxerga na estrutura de formas culturais de massa, como no filme hollywoodiano e na propaganda, uma réplica da estrutura de fábricas e do ambiente de trabalho. A criatividade e a produção cultural produzidas nas sociedades capitalistas tardias sempre estiveram cooptadas pelas necessidades de entretenimento de um sistema econômico que exige estímulos sensoriais e clichês reconhecíveis, assim como suprime a tendência à deliberação sustentada.

As maiores influências marxistas na teoria literária desde a Escola de Frankfurt são Raymond Williams[10] e Terry Eagleton[11], na Grã-Bretanha, e Frank Lentricchia[12] e Frederic Jameson[13], nos Estados Unidos. Williams é associado ao movimento político da Nova Esquerda no Reino Unido, com desenvolvimento do "Materialismo Cultural" e com o Movimento dos Estudos Culturais, originados nos anos 1960 no *Center for Contemporary Cultural Studies* da *Birmingham Univeristy*[14]. Eagleton é conhecido como um teórico marxista e como um popularizador da teoria através de seu panorama geral bastante conhecido: *Teoria da Literatura: uma introdução*. Lentricchia, da mesma maneira, tornou-se influente por meio de seus relatos sobre as tendências teóricas: *After the New Criticism*. Jameson é um teórico mais diversificado, conhecido tanto por seu impacto nas teorias marxistas sobre a cultura quanto por sua posição como uma das figuras líderes no pós-modernismo teórico. A obra de Jameson sobre cultura consumidora, arquitetura, filmes, literatura e outras áreas tipifica o colapso das

[8] Lukarcs, Georg. *The Historical Novel*. Tradução de Hannah and Stantley Mitchell. Lincoln, NE: University of Nebraska Press, 1962.
[9] Benjamin, Walter. *Iluminations*. Edição de Hannah Arendt. Tradução de Harry Zohn. Nova Iorque: Schocken, 1988.
[10] Williams, Raymond. *The Country and the City*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1973.
[11] Eagleton, Terry. *Literary Theory*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 1996.
[12] Lentricchia, Frank. *After the New Criticism*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
[13] Jameson, Frederic. *Postmodernism*: or the cultural logic od late capitalism. Durham, NC: Duke University Press, 1999.
[14] [N. T.]: Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham.

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

fronteiras disciplinares no campo da teoria cultural marxista e pós-modernista. O trabalho de Jameson investiga a forma com a qual as características estruturais do capitalismo tardio, particularmente no que se refere à transformação de toda cultura em produtos, estão intrinsicamente talhadas nas nossas formas de comunicação.

5. Estruturalismo e Pós-Estruturalismo

Tal qual a Nova Crítica, o Estruturalismo tinha o objetivo de levar aos estudos literários um conjunto de critérios objetivos para a análise e para o novo rigor intelectual. O Estruturalismo pode ser visto como uma extensão do Formalismo, no sentido de que ambos o Estruturalismo e Formalismo devotaram sua atenção às questões sobre a forma literária (ex: estrutura) ao invés do conteúdo histórico-social. Ademais, ambas as escolas de pensamento desejaram submeter os estudos da literatura a uma base objetiva e científica. O Estruturalismo apoiou-se, inicialmente, nas ideias do linguista suíço Ferdinand de Saussure. Assim como Platão, Saussure enxergou o significante (palavras, marcas e símbolos) como arbitrários e desconexos ao conceito, o significado, ao qual se refere. No âmbito da maneira específica que a sociedade utiliza línguas e signos, o significado era constituído por um sistema de "diferenças" entre unidades de uma língua. Significados específicos eram de menor interesse do que as estruturas de significados subjacentes que tornavam o significado possível, frequentemente expressados como uma ênfase em "língua" ao invés da "fala (*parole*)". Estruturalismo tinha como objetivo ser uma metalinguagem, uma linguagem sobre linguagens, usada para decodificar línguas de fato ou sistemas de significação. As obras do Formalista Roman Jakobson contribuíram para o pensamento Estruturalista e os estruturalistas mais proeminentes incluem Claude Levi-Strauss na antropologia, Tzvetan Todorov, A. J. Greimas, Gérard Genette e Barthes[15].

O filósofo Roland Barthes provou ser uma figura-chave na divisão entre o Estruturalismo e o Pós-Estruturalismo. Pós-Estruturalismo é menos unificado como um movimento teórico que seu precursor. De fato, o trabalho de seus defensores, conhecido pelo termo "Desconstrução", questiona a possibilidade da coerência do discurso ou a capacidade comunicativa da língua. A

[15] Barthes, Roland. *Image—Music—Text*. Tradução de Stephen Heath. Nova Iorque: Hill and Wang, 1994.
Barthes, Roland. *The Pleasure of the Text*. Tradução de Richard Miller. Nova Iorque: Hill and Wang, 1975.

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

"Desconstrução", a Teoria Semiótica (um estudo dos signos com ligações próximas ao Estruturalismo), a Teoria responsiva do leitor nos Estados Unidos (ou Teoria da recepção, na Europa) e a Teoria de Gênero, informada pelos psicanalistas Jacques Lacan[16] e Julia Kristeva, são áreas de questionamentos que podem ser localizados sob a bandeira do Pós-Estruturalismo. Se o significante e o significado são, ambos, conceitos culturais, como são considerados no Pós-Estruturalismo, a referência a uma realidade empiricamente certificada não é mais garantida pela língua. A "Desconstrução" argumenta que esta perda de referência causa um diferimento infinito do significado, um sistema de diferenças entre unidades de línguas que não tem um local de descanso ou um significante final que permitiria outros significantes a assegurarem seus significados. O teórico da "Desconstrução" mais importante, Jacques Derrida[17], afirmou que "Não há como fugir do texto", indicando uma forma de brincadeira com a significação na qual não é possível existir quaisquer significados fixos e estáveis. O Pós-Estruturalismo nos Estados Unidos foi associado, originalmente, a um grupo de acadêmicos de Yale, a Escola de "Desconstrução" de Yale: J. Hillis Miller, Geoffrey Hartmann e Paul de Man. Outras tendências após a "Desconstrução"', que compartilham algumas tendências intelectuais com o Pós-Estruturalismo, incluem as teorias da "Resposta do Leitor" de Stanley Fish[18], Jane Tompkins[19] e Wolfgang Iser.

Psicanalistas lacanianos, em uma atualização do trabalho de Sigmund Freud, estendem o Pós-Estruturalismo à questão humana, com outras consequências para a teoria literária. De acordo com Lacan, o eu fixo e estável é uma ficção romântica; assim como o texto na "Desconstrução", o "eu" é uma massa descentralizada de traços deixados pelo nosso encontro com signos, símbolos visuais, língua etc. Para Lacan, o "eu" é constituído pela língua, uma língua que nunca é própria do indivíduo, sempre de outro, que já estava em uso desde sempre. Barthes aplica estas correntes de pensamento em sua famosa declaração sobre a "morte" do Autor: "a escrita é a destruição de toda voz, de todo ponto de origem", enquanto aplicava uma visão Pós-Estruturalista similar ao Leitor: "o leitor não tem história, biografia ou psicologia, ele é, simplesmente,

[16] Lacan, Jacques. *Ecrits*: A Selection. Londres: Routledge, 2001.
[17] Derrida, Jacques. *Of Grammatology*. Tradução de Gayatri C. Spivak. Baltimore: Johns Hopkins, 1976.
[18] Fish, Stanley. *Is There a Text in This Class?* The Authority of Interpretive Communities. Harvard, MA: Harvard University Press, 1980.
[19] Tompkins, Jane. *Sensational Designs*: the Cultural Work of American Fiction, 1790-1860. Nova Iorque: Oxford University Press, 1986.

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

aquele indivíduo que agrupa, em um único campo, todos os traços pelos quais o texto escrito é constituído".

Michel Foucault[20] é outro filósofo, assim com Barthes, cujas ideias nos informam muito da teoria literária pós-estruturalista. Foucault teve um papel fundamental no desenvolvimento da perspectiva pós-moderna de que o conhecimento é construído em situações históricas concretas na forma de discursos. Assim, o conhecimento não é comunicado pelo discurso, mas é o discurso em si e só pode ser encontrado textualmente. Seguindo Nietzsche[21], Foucault performa o que ele chama de "genealogias", ou seja, tentativas de desconstruir a operação de poder e conhecimento não reconhecida para revelar ideologias que fazem parecer que o domínio de um grupo por outro seja "normal". Investigações *foucaltianas* sobre o discurso e poder proveriam muito do ímpeto intelectual para uma nova perspectiva em relação à história e ao fazer dos estudos textuais que vieram a ser conhecidos como o Novo Historicismo.

6. Novo Historicismo e Materialismo Cultural

O Novo Historicismo, um termo cunhado por Stephen Greenblatt, designa um corpo de práticas teóricas e interpretativas que começou, de forma geral, com o estudo da literatura moderna inicial nos Estados Unidos. O Novo Historicismo nos Estados Unidos foi, de certa maneira, antecipado pelos teóricos do Materialismo Cultural na Grã-Bretanha, o qual, nas palavras de seu defensor mais proeminente, Raymond Williams, é descrito como "a análise de todas as formas de significação, incluindo, de forma central, a escrita, dentro dos significados reais e das condições de sua produção". Ambos o Novo Historicismo e o Materialismo Cultural procuram compreender os textos literários historicamente e rejeitam a influência formadora de estudos literários anteriores, incluindo a Nova Crítica, o Estruturalismo e a Desconstrução – todos os quais, de maneiras distintas, dão privilégio ao texto literário e renegam os contextos social e histórico a uma ênfase secundária. De acordo com o Novo Historicismo, a circulação de textos literários e não literários produz relações de poder social dentro de uma cultura. O pensamento novo-historicista difere do historicismo tradicional dos

[20] Foucault, Michel. *The History of Sexuality*. Volume 1. An Introduction. Tradução de Robert Hurley. Harmondsworth, UK: Penguin, 1981.
Foucault, Michel. *The Order of Things*: An Archaeology of the Human Sciences. Nova Iorque: Vintage, 1973.
[21] Nietzsche, Friedrich. *The Genealogy of Morals*. Tradução de Walter Kaufmann. Nova Iorque: Vintage, 1969.

estudos literários em diversos pontos cruciais. Ao rejeitar a premissa do questionamento neutro do historicismo tradicional, o Novo Historicismo aceita a necessidade de fazer juízo de valores históricos. De acordo com o Novo Historicismo, nós só podemos conhecer a história textual do passado por ela estar "integrada", um termo chave, na textualidade do presente e de seus interesses. Texto e contexto são menos distinguíveis na prática Novo-historicista. As separações tradicionais de textos literários e não literários, "grande" literatura e literatura popular, também são fundamentalmente questionadas. Para o Novo Historicismo, todos os atos de expressão estão integrados às condições materiais de uma cultura. Os textos são examinados com um olhar atento a como eles revelam as realidades econômicas e sociais, especialmente quando elas produzem ideologias e representam poder ou subversão. Assim como uma grande parte da emergente história social europeia dos anos 1980, o Novo Historicismo adquire um interesse particular nas representações de grupos marginais/marginalizados e de comportamentos não-normativos, como bruxaria, *cross-dressing*, revoltas camponesas e exorcismos, enquanto exemplos da necessidade de poder representar alternativas subversivas, o Outro, para se legitimar.

Louis Montrose, outro expoente e grande inovador do Novo Historicismo, descreve o axioma fundamental do movimento como uma crença intelectual na "textualidade da história e da historicidade dos textos". O Novo Historicismo remete às obras de Levi-Strauss, particularmente a sua noção de cultura como um "sistema autorregulador". O Novo Criticismo tem, como fundamentos críticos, a premissa foucaltiana de que o poder é ubíquo e que não pode ser equiparado ao poder econômico ou estatal, e a concepção da "hegemonia" de Gramsci, ou seja, de que a dominação é alcançada, geralmente, através do consentimento orquestrado culturalmente e não pela força. A tradução da obra de Mikhail Bakhtin sobre carnaval coincidiu com o surgimento do Novo Historicismo e do Materialismo cultural, além de ter deixado um legado no trabalho de outros teóricos influentes como Peter Stallybrass e Jonathan Dollimore. No seu período de ascendência, na década de 1980, o Novo Historicismo foi criticado pela esquerda política devido a sua caracterização de expressões de contracultura como expressões sempre cooptadas pelos discursos dominantes. Da mesma maneira, a falta de ênfase na "literariedade" do Novo Historicismo trouxe desdém dos estudiosos tradicionais da literatura. No entanto, o Novo Historicismo continua a exercer uma grande influência nas humanidades e na concepção expandida dos estudos literários.

7. Estudos Étnicos e Crítica Pós-Colonial

Os Estudos Étnicos, às vezes referido como Estudos das Minorias, tem uma relação histórica óbvia com a Crítica Pós-Colonial, no sentido de que os imperialismos estadunidense e europeu e a colonização nos últimos quatro séculos, seja de maneira externa (império) ou de maneira interna (escravidão), têm sido direcionados a grupos reconhecidamente étnicos. Estes grupos incluem populações negras, estadunidenses negros, chineses, os povos subalternos da Índia, irlandeses, povos latinos, povos originários, filipinos, dentre outros. Os Estudos Étnicos são focados, em geral, na arte e na literatura produzida por grupos étnicos reconhecíveis que foram marginalizados ou que ocuparam uma posição subordinada à cultura dominante. A Crítica Pós-Colonial investiga as relações entre os colonizadores e os colonizados no período pós-colonial. Embora os dois campos de estudos venham encontrando cada vez mais pontos de interseção, a exemplo das obras de bell hooks[22], e que sejam ambos empreendimentos intelectuais ativos, os Estudos Étnicos e a Crítica Pós-Colonial apresentam diferenças significativas em suas histórias e ideias.

Os Estudos Étnicos têm tido um impacto considerável nos estudos literários nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha. Nas obras de W. E. B. Dubois, encontramos uma tentativa inicial de teorizar a posição dos estadunidenses negros dentro de uma cultura dominante branca, através de seu conceito da "dupla consciência", uma identidade dupla que inclui tanto o "Estadunidense" quanto o "Negro". Dubois e teóricos posteriores buscam uma compreensão da maneira na qual esta experiência dupla tanto cria uma identidade como se manifesta na cultura. Escritores caribenhos negros e escritores africanos, como Aime Cesaire, Frantz Fanon e Chinua Achebe, produziram contribuições iniciais de relevância para a teoria e para a prática da crítica étnica que explora as tradições, às vezes suprimidas ou clandestinas, da atividade literária étnica, enquanto provêm críticas às representações de identidades étnicas encontradas na cultura dominante. As teorias literárias étnicas e de minorias enfatizam a relação da identidade cultural com a identidade individual em circunstâncias históricas de opressão racial explícita. Mais recentemente, estudiosos e escritores como Henry Louis Gates, Toni Morrison e Kwame Anthony Appiah chamaram a atenção aos problemas inerentes à aplicação de modelos teóricos derivados de paradigmas eurocêntricos (isto é, estruturas de pensamento) em obras literárias de minorias. Simultaneamente, estas teorias exploram novas estratégias

[22] hooks, bell. *Ain't I a Woman*: Black Women and Feminismo. Boston: South End Press, 1981. Grafia escrita em minúsculas de acordo com a preferência da autora.

interpretativas para a compreensão das tradições vernaculares (fala comum) de grupos raciais que têm sido historicamente marginalizados por culturas dominantes.

Embora não seja o primeiro escritor a explorar as condições históricas do pós-colonialismo, o livro do teórico literário palestino Edward Said, *Orientalismo*[23], é geralmente considerado como obra inaugural do campo da Crítica Pós-Colonial no Ocidente. Said argumenta que o conceito de "Oriente" foi produzido pela "geografia imaginativa" da erudição ocidental e que foi instrumental na colonização e dominação de sociedades não-ocidentais. A teoria Pós-Colonial inverte o centro e a margem histórica da direção do questionamento cultural: críticas sobre a metrópole e a capital agora emanam de ex-colônias. Ademais, teóricos como Homi L. Bhabha questionaram o pensamento binário que produz as dicotomias centro e margem, negro e branco, colonizado e colonizador, pelas quais as práticas coloniais são justificadas. As obras de Gayatri C. Spivak focaram-se na questão de quem fala pelo "outro" colonial e na relação de posse do discurso e representação para o desenvolvimento da subjetividade pós-colonial. Como a teoria feminista e a teoria étnica, a Crítica Pós-Colonial busca não apenas a inclusão da literatura marginalizada dos povos colonizados no cânone e no discurso dominante. A Crítica Pós-Colonial oferece uma crítica fundamental da ideologia da dominação colonial e, ao mesmo tempo, busca desfazer a "geografia imaginativa" do pensamento orientalista que produziu fronteiras conceituais e econômicas entre o Oriente e o Ocidente, civilizado e selvagem, primeiro e terceiro mundo. Neste aspecto, a Crítica Pós-Colonial é ativista e combativa em seus objetivos basais. A teoria pós-colonial trouxe novas perspectivas para o papel dos povos colonizados, como sua riqueza, labor e cultura, no desenvolvimento dos estados-nações europeus modernos. Embora a Crítica Pós-Colonial tenha emergido no momento histórico após o colapso dos impérios coloniais modernos, a crescente globalização da cultura, incluindo o neocolonialismo do capitalismo multinacional, sugere uma relevância contínua desta perspectiva.

8. Estudos de Gênero e Teoria *Queer*

A Teoria dos gêneros surgiu no contexto teórico inicialmente como uma teoria feminista, mas veio a incluir, subsequentemente, a investigação de todas as identidades de gênero. A teoria de gênero feminista surgiu logo após a

[23] Said, Edward. *Orientalism*. Nova Iorque: Pantheon, 1978.

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

reemergência do feminismo político nos Estados Unidos e na Europa Ocidental durante a década de 1960. O feminismo político da chamada "segunda onda" tinha sua ênfase em questões práticas relacionadas aos direitos das mulheres em sociedades contemporâneas, com a identidade da mulher e com a representação de mulheres nas mídias e culturas. Estas causas convergem com a prática feminista literária inicial, caracterizada por Elaine Showalter como "ginocrítica"[24], que enfatizava o estudo e a inclusão canônica de obras por autoras mulheres, assim com a caracterização de mulheres em textos canônicos escritos por homens.

A teoria de gênero feminista é pós-moderna no sentido de que ela desafia os paradigmas e as premissas intelectuais do pensamento ocidental, mas também toma uma frente ativista ao propor intervenções frequentes e posições epistemológicas alternativas, cujo propósito é modificar a ordem social. No contexto do pós-modernismo, teóricos dos gêneros, cujas obras de Judith Butler são expoentes, viam, inicialmente, a categoria de "gênero" como um construto humano promulgado pela vasta repetição da performance social. A distinção biológica entre homem e mulher sofreram do mesmo escrutínio por teóricos que, eventualmente, chegaram a uma conclusão similar: as categorias sexuais são produtos da cultura e, como tais, ajudam a criar uma realidade social, ao invés de simplesmente refleti-la. A teoria de gênero alcançou um público leitor amplo e adquiriu muito de seu rigor teórico inicial através das ações de um grupo de teóricas feministas francesas que incluíam nomes como Simone de Beauvoir[25], Luce Irigaray e Helene Cixous, além de Julia Kristeva que, embora búlgara, escreveu suas principais obras em francês. O pensamento feminista francês é baseado na afirmação de que a tradição filosófica ocidental repreende as experiências de mulheres estruturalmente. Como consequência importante destas repressão e exclusão intelectuais estruturais, os corpos e as vidas das mulheres em sociedades históricas são igualmente repreendidos.

Nos escritos crítico-criativos de Cixous, encontramos a representação da história do pensamento ocidental como uma oposição binária: "fala/escrita; natureza/arte; natureza/história; natureza/mente; paixão/ação". Para Cixous, assim como para Irigaray, estes binarismos são menos uma função de qualquer realidade objetiva que descrevem e mais o discurso da tradição ocidental dominada pelo masculino que o produziu. Suas obras, após o estágio descritivo, desenvolvem-se em uma intervenção na história do discurso teórico, em uma

[24] Showalter, Elaine. Ed. *The New Feminist Criticism*: Essays on Women, Literature, and Theory. Londres: Virago, 1986.
[25] Beauvoir, Simone de. *The Second Sex*. Tradução de H. M. Parshley. Nova Iorque: Knopf, 1953.

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

tentativa de alterar as categorias e sistemas de pensamento existentes que podem ser encontrados na razão ocidental. O feminismo francês e, talvez, todos os feminismos após Beauvoir conversam com a revisão psicanalítica de Freud apresentada nas obras de Jacques Lacan[26]. Os escritos de Kristeva bebem muito de Lacan. Dois conceitos de Kristeva, a "semiótica" e a "abjeção", têm tido uma influência significativa na teoria literária. A semiótica de Kristeva refere-se a lacunas, silêncios e presenças corporais dentro de um sistema simbólico ou linguístico de uma cultura na qual pode existir um espaço para a linguagem da mulher, sendo esta distinta do discurso dominado pelo masculino.

Estudos de gênero masculino, enquanto empreendimento separado, têm focado, majoritariamente, nos relatos históricos, sociais e literários da identidade de gênero masculina. Tais obras, em geral, não possuem a postura ativista do feminismo e tende a servir, principalmente, como uma condenação, e não como uma validação, das práticas do gênero masculino. O chamado "Men's Movement", inspirado pelos escritos de Robert Bly, dentre outros, tem impacto limitado no discurso sobre gêneros. O ímpeto para este movimento deu-se, de maneira geral, como uma resposta à crítica da dominação masculina que ocorreu durante os movimentos feministas dos anos 1960, um período de crises na ideologia social estadunidense e que exigiu uma reconsideração dos papéis de gênero. Tendo servido, por muito tempo, como o "assunto" e principal voz, de fato, do pensamento ocidental, a teoria do gênero e da identidade masculina carece de investigações sérias, partindo da perspectiva de um campo de pesquisa específico e não mais àquele universalmente representativo.

A Teoria *Queer* não é sinônimo da teoria de gêneros, nem mesmo dos campos de estudo sobrepostos à Teoria *Queer*, como os estudos lésbicos e *gays*. No entanto, a Teoria *Queer* compartilha algumas preocupações centrais como os estudos de gênero, como, por exemplo, o questionamento das definições normativas de mulher, homem e sexualidade. A Teoria *Queer* questiona as categorias fixas das identidades sexuais e dos paradigmas gerados pela ideologia sexual normativa. Fazer de algo ou alguém *"queer*" torna-se um ato no qual as fronteiras estáveis da identidade social são transgredidas, revertidas, limitadas ou criticadas. Esta ação pode ser realizada em nome de todas as sexualidades e identidades não-normativas, de tudo o que é considerado pelos paradigmas dominantes da cultura como contrário, estranho, não familiar, transgressivo, esquisito, ou seja, *queer*. Os escritos de Michel Foucault sobre a sexualidade

[26] Lacan, Jacques. *Ecrits*: A Selection. Londres: Routledge, 2001.

antecipam e instruem o movimento teórico *queer* de maneira similar à forma com que sua escrita sobre poder e discurso preparou os movimentos do Novo Historicismo. Judith Butler afirma que a identidade heterossexual, considerada por muito tempo como a sexualidade normativa, é, na realidade, produzida pela supressão da possibilidade homoerótica. Eve Sedgwick é outra teórica pioneira no campo da Teoria *Queer* e, tal qual Butler, Sedgwick[27] argumenta que a dominação da cultural heterossexual esconde a presença extensa das relações homoafetivas. Para Sedgwick, a história padrão nas sociedades ocidentais é apresentada exclusivamente em termos da identidade heterossexual, com "herança, casamento, dinastia, família, domesticação, população", e, assim, concebe outras identidades, nesta estrutura como identidades problemáticas.

9. Estudos Culturais

Muito do legado intelectual do Novo Historicismo e do Materialismo Cultural pode ser observado no movimento dos Estudos Culturais em departamentos de literatura. Este movimento não é identificável em termos de uma única escola teórica, mas sim um que abarca uma gama de perspectivas como estudos midiáticos, crítica social, antropologia e teoria literária, enquanto as aplica no estudo geral da cultura. Os Estudos Culturais emergiram de maneira autoconsciente nos anos 1980 para ofertarem um meio de análise do setor cultural global em rápida expansão que inclui entretenimento, publicidade, publicações, televisão, filmes, computadores e a Internet. Os Estudos Culturais examinam não apenas essas categorias variadas de cultura e as margens decrescentes de diferença entre esses domínios de expressão, mas também a política e a ideologia que tornam possível a cultura contemporânea. Os Estudos Culturais tornaram-se notórios nos anos 1990 por sua ênfase nos ícones da música *pop* e nos videoclipes em vez da literatura canônica, e estendem as ideias da Escola de Frankfurt sobre a transição de uma cultura verdadeiramente popular para a cultura de massa nas sociedades capitalistas tardias, enfatizando a importância dos padrões de consumo de artefatos culturais. Os Estudos Culturais têm sido interdisciplinares, até mesmo antidisciplinares, desde o seu início; de fato, os Estudos Culturais podem ser entendidos como um conjunto de métodos e abordagens, às vezes conflitantes, aplicados a um questionamento das

[27] Sedgwick, Eve Kosofsky. *Between Men*: English literature and Male Homosocial Desire. Nova Iorque: Columbia University Press, 1985.
Sedgwick, Eve Kosofsky. *Epistemology of the Closet*. Londres: Penguin, 1994.

categorias culturais atuais. Stuart Hall, Meaghan Morris, Tony Bennett e Simon During são alguns dos importantes defensores dos Estudos Culturais que buscam substituir o modelo tradicional de estudos literários.

10. Referências bibliográficas e leituras posteriores

a. Obras gerais sobre teoria literária

CULLER, Jonathan. *Literary Theory*: A Very Short Introduction. Oxford: Oxford University Press, 1997.

DURING, Simon. *The Cultural Studies Reader*. Londres: Routledge, 1999.

EAGLETON, Terry. *Literary Theory*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

LENTRICCHIA, Frank. *After the New Criticism*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

MOORE-GILBERT, Bart; STANTON, Gareth; MALEY, Willy. *Postcolonial Criticism*. Nova Iorque: Longman, 1997.

RICE, Philip; WAUGH, Patricia. *Modern Literary Theory*: A Reader. Londres: Bloomsbury Academic, 2001.

RICHTER, David. *The Critical Tradition*: Classic Texts and Contemporary Trends. Boston: Bedford Books, 1998.

RIVKIN, Julie; RYAN, Michael. *Literary Theory*: An Anthology. Malden: Blackwell, 1998.

b. Teoria literária e cultural

ADORNO, Theodor. *The Culture Industry*: Selected Essays on Mass Culture. Londres: Routledge, 2001.

ALTHUSSER, Louis. *Lenin and Philosophy*: And Other Essays. Tradução de Ben Brewster. Nova Iorque: Monthly Review Press, 1971.

AUERBACH, Erich. *Mimesis:* The Representation of Reality in Western Literature. Tradução de Willard R. Trask. Princeton: Princeton University Press, 1953.

BAKHTIN, Mikhail. *The Dialogic Imagination*. Tradução de Caryl Emerson e Michael Holquist. Austin: University of Texas Press, 1981.

BARTHES, Roland. *Image—Music—Text*. Tradução de Stephen Heath. Nova Iorque: Hill and Wang, 1994.

BARTHES, Roland. *The Pleasure of the Text*. Tradução de Richard Miller Nova Iorque: Hill and Wang, 1975.

BEAUVOIR, Simone de. *The Second Sex*. Tradução de H. M. Parshley. Nova Iorque: Knopf, 1953.

BENJAMIN, Walter. *Illuminations*. Tradução de Harry Zohn. Nova Iorque: Schocken, 1988.

BROOKS, Cleanth. *The Well-Wrought Urn*: Studies in the Structure of Poetry. Nova Iorque: Harcourt, 1947.

DERRIDA, Jacques. *Of Grammatology*. Tradução de Gayatri C. Spivak. Baltimore: Johns Hopkins, 1976.

DUBOIS, William Edward Burghardt. *The Souls of Black Folk*: Essays and Sketches. Chicago: A. C. McClurg & Co., 1903.

FISH, Stanley. *Is There a Text in This Class?* The Authority of Interpretive Communities. Harvard: Harvard University Press, 1980.

FOUCAULT, Michel. *The History of Sexuality,* Volume 1: An Introduction. Tradução de Robert Hurley. Harmondsworth: Penguin, 1981.

FOUCAULT, Michel. *The Order of Things*: An Archaeology of the Human Sciences. Nova Iorque: Vintage, 1973.

GATES, Henry Louis. *The Signifying Monkey*: A Theory of African-American Literary Criticism. Nova Iorque: Oxford University Press, 1989.

hooks, bell. *Ain't I a Woman*: Black Women and Feminism. Boston: South End Press, 1981.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. *Dialectic of Enlightenment*: Philosophical Fragments. Tradução de Edmund Jephcott. Stanford: Stanford University Press, 2002.

IRIGARAY, Luce. *This Sex Which Is Not One*. Ithaca: Cornell University Press, 1985.

JAMESON, Frederic. *Postmodernism*: Or the Cultural Logic of Late Capitalism. Durham: Duke University Press, 1999.

LACAN, Jacques. *Ecrits:* A Selection. Londres: Routledge, 2001.

LEMON, Lee; REIS, Marion. *Russian Formalist Criticism*: Four Essays. Lincoln: University of Nebraska Press, 1965.

LUKACS, Georg. *The Historical Novel*. Tradução de Hannah Mitchell e Stanley Mitchell. Lincoln: University of Nebraska Press, 1962.

MARCUSE, Herbert. *Eros and Civilization*. Boston: Beacon Press, 1955.

NIETZSCHE, Friedrich. *The Genealogy of Morals*. Tradução de Walter Kaufmann. Nova Iorque: Vintage, 1969.

PLATO. *The Collected Dialogues*. Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press, 1961.

PROUST, Marcel. *Remembrance of Things Past*. Tradução de C. K. Scott Moncrieff e Terence Kilmartin. Nova Iorque: Vintage, 1982.

SAID, Edward. *Orientalism*. Nova Iorque: Pantheon, 1978.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Between Men:* English literature and Male Homosocial Desire. Nova Iorque: Columbia University Press, 1985.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Epistemology of the Closet*. Londres: Penguin, 1994.

SHOWALTER, Elaine. *The New Feminist Criticism:* Essays on Women, Literature, and Theory. Londres: Virago, 1986.

TOMPKINS, Jane. *Sensational Designs*: the Cultural Work of American Fiction, 1790-1860. Nova Iorque: Oxford University Press, 1986.

WELLEK, Rene; AUSTIN, Warren. *Theory of Literature*. Nova Iorque: Harcourt Brace, 1956.

WILLIAMS, Raymond. *The Country and the City*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1973.

c. Bibliografia traduzida

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Nova Fronteira, 2020.

bell hooks. *E eu não sou uma mulher?*: mulheres negras e feminismo. Tradução de Libanio Bhuvi. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

CHOPIN, Kate. *O Despertar e Contos Selecionados*. Tradução de Débora Isidoro. Jandira: Ciranda Cultural, 2023.

CONRAD, Joseph. *Coração das Trevas*. Tradução de José Rubens Siqueira. Rio de Janeiro: Antofágica, 2019.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura*: uma introdução. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes – Selo Martins, 2019.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquer. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

LUKÁCS, György. *O romance histórico*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral*. Tradução de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2009.

SAID, Edward. *Orientalismo*: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Rosaura Eichenberg. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.

SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Tradução de José Antonio Alves Torrano. Cotia: Ateliê Editorial, 2022.

Referências

BREWTON, Vincent. *Literary Theory*. [*S. l.*]: Internet Encyclopedia of Philosophy, 2024. Disponível em: https://iep.utm.edu/literary/#H10. Acesso em 18 jun. 24.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*: literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.